Dia 13 — Santo Antônio de Pádua, Confessor

Santo Antônio de Pádua, chamado assim pela dilatada residência que fez nesta cidade, ditosa também e rica porque possui o precioso tesouro de seu santo corpo, nasceu em Lisboa, corte de Portugal, no ano de 1195, e no batismo pôs-se-lhe o nome de Fernando. Foram seus pais Martim de Bulhões e Maria de Taveira, ambos de antiga e qualificada nobreza; mas, ainda mais que por ela, distintos por sua virtude sobressalente, em força da qual não pouparam meio algum para dar a seu filho uma educação tão digna de sua piedade como correspondente a seu ilustre nascimento.

Pouparam muitas lições aos mestres o engenho, a inclinação e o natural de Fernando, que desde logo deu sinais de declarar-se aluno da virtude. Era seu pai oficial no exército do rei Dom Afonso; e, não podendo atender por si mesmo à melhor criação daquele filho, a quem por tantos títulos amava tão ternamente, pô-lo como pupilo nos cônegos da catedral de Lisboa, em cuja escola se dedicou principalmente aos exercícios de virtude; e, juntando à ciência dos santos a aplicação e o estudo das ciências humanas, em pouco tempo chegou a ser tão virtuoso como sábio.

Ao amor da virtude seguiu-se naturalmente o tédio e o desgosto que lhe causavam todas as coisas do mundo. Conheceu seus perigos e resolveu fugir deles, sendo todo o seu cuidado buscar no retiro asilo seguro a sua inocência. Contava só quinze anos quando tomou o hábito nos cônegos regulares de Santo Agostinho, cuja casa, sob a invocação de São Vicente, está situada num arrabalde de Lisboa. Em pouco tempo foi o noviço modelo e confusão dos mais antigos, sendo o exemplo e a admiração de todos seu fervor, sua devoção e sua prudência. Mas, como as frequentes visitas de seus parentes turbassem um tanto a quietude de seu retiro, pediu e obteve licença de seus superiores para retirar-se à abadia de Santa Cruz de Coimbra. Logo que se viu naquela doce solidão, esquecendo o mundo e tudo o que nele amava, entregou-se a Deus inteiramente. Distribuiu todo o tempo na oração, na leitura da sagrada Escritura e no estudo dos santos padres, acabando de aperfeiçoar aquele inocente coração a contemplação e a penitência. Tomou Deus por sua conta o magistério de Fernando, instruindo-o na oração; e, sobressaindo seu mérito apesar de sua humildade, desde então o reconheceram todos como um daqueles prodígios de virtude que envia Deus a sua Igreja, fazendo-os desejar por muitos séculos.

Oito ou nove anos havia empregado nosso santo nestes fervorosos exercícios quando chegaram a Coimbra os corpos de cinco religiosos do seráfico padre São Francisco, que, tendo passado a Marrocos para pregar a fé de Jesus Cristo àqueles maometanos, receberam em prêmio a gloriosa coroa do martírio. Inflamou-se o zelo de nosso Fernando à vista daqueles ilustres mártires e acendeu-se em seu coração um ardentíssimo desejo de derramar a sua imitação todo o seu sangue por amor de Jesus Cristo.

Ao desejo do martírio seguiu-se, como naturalmente, o de trasladar-se a uma religião que já dava mártires desde seu próprio berço. Sobressaltou esta proposta os cônegos regulares; mas, enfim, tudo o venceu a constância de Fernando. Tomou o hábito de São Francisco no ano de 1221; e não faltou quem contasse esta mudança entre um dos maiores milagres que obraram os cinco mártires em muita glória de sua ordem. Deixou o nome de Fernando com o hábito de cônego regular e tomou o de Antônio em honra de Santo Antão, abade, a quem estava dedicado o convento onde recebeu o hábito franciscano.

Cresceu muito em breve o fervor de frei Antônio à vista da pobreza evangélica, da humildade religiosa e da grande austeridade que professava a religião seráfica; tanto que parecia não poder subir mais o santo ódio de si mesmo e o desprendimento de tudo e os exemplos da mais terna devoção. Ao mesmo passo ia crescendo também cada dia o fervoroso desejo de derramar seu sangue em defesa da fé; impaciente ânsia que o fazia parecer importuno, solicitando incessantemente dos superiores a licença para passar à África e dedicar-se nela à conversão dos mouros e dos sarracenos. Obteve-a finalmente; mas, logo que se embarcou, sentiu-se mal; deteve-o a enfermidade nas costas da África todo o inverno e, sentindo-se cada dia mais débil, viu-se obrigado a restituir-se à Espanha. Distava poucas milhas do primeiro porto quando um temporal arrojou o bajel sobre as costas da Sicília. Tomou terra em Messina, onde teve notícia de que se celebrava em Assis um capítulo geral de sua ordem, ao qual havia de assistir ou assistia já o padre São Francisco, e com as ânsias de conhecer o grande patriarca encaminhou-se àquela cidade.

Logo que este o abraçou, descobriu o precioso tesouro que se ocultava em Antônio, dando-o a entender as demonstrações de amor e de estima com que o distinguiu. Não assim os demais padres guardiães a quem se apresentou; tiveram-no por um frade inútil e nenhum o quis receber para seu convento. Moveu-se a compaixão o padre Graciano, provincial da Romanha, e, levando-o consigo, assinalou-lhe o deserto de Montepaolo, que era um conventinho retirado no mais áspero das montanhas. Não se lhe podia proporcionar a frei Antônio solidão mais de seu gosto nem mais a propósito para que estivessem ocultos seus milagrosos talentos. Mas, enfim, chegou o tempo de que aquela lâmpada resplandecente se pusesse sobre o candeeiro, saindo de debaixo do alqueire. Enviado a Forlì para que recebesse as ordens sagradas, concorreu com muitos religiosos jovens de São Domingos que iam ao mesmo fim e se hospedaram também no convento de São Francisco. Sobre a comida rogou o padre guardião a estes religiosos que platicassem à comunidade alguma coisa de edificação; e, havendo-se escusado todos, mandou a frei Antônio que o fizesse. Subiu ao púlpito e falou de repente com tanta dignidade, com tanta eloquência, com tanta energia que, assombrados todos, queixaram-se de que estivessem sepultados tão singulares talentos na solidão de Montepaolo. Deu parte o guardião deste sucesso ao patriarca São Francisco, e mandou o santo que frei Antônio estudasse teologia escolástica antes que se lhe aplicasse ao ministério da pregação. Fez em pouco tempo tantos progressos nela que o mesmo patriarca lhe ordenou ensiná-la publicamente e, a este fim, expediu-lhe uma patente nestes precisos termos:

«A seu muito amado frei Antônio, frei Francisco, saúde em Jesus Cristo. Parece-me bem que expliques os livros da sagrada teologia aos frades; mas de sorte, como sobretudo te encarrego, que o exercício do estudo não apague em ti nem neles o espírito da oração, como o previne a regra que professamos. O Senhor seja contigo.»

Obedeceu o santo e ensinou teologia com admiração em Bolonha, em Montpellier, em Toulouse e em Pádua.

É certo que os erros do tempo pediam um sábio teólogo; mas a licença e a desordem dos costumes não clamavam menos por um zeloso missionário. Foi-o Santo Antônio, e com aquele gênero de fruto que só é regular nos apóstolos. Fizeram tanto ruído os primeiros sermões que pregou que concorriam de todas as partes a ouvi-lo. Não cabendo os auditórios nas igrejas mais capazes, via-se obrigado a pregar nas praças e nos campos; cessavam os negócios, fechavam-se as lojas e suspendiam-se todos os ofícios até acabar-se o sermão. A nenhum pregador se ouviu nunca com maior atenção, nem com maior silêncio, nem com maior ânsia; mas tampouco nenhum outro pregou com maior fruto. Ordinariamente interrompiam o sermão os soluços e os prantos, seguindo-se a eles inumeráveis conversões. Ao acabar o sermão viam-se frequentemente vir a prostrar-se aos pés do santo os mais empedernidos pecadores e os hereges mais obstinados; era tão grande o número de confissões que não bastavam para ouvi-las todos os religiosos nem todos os sacerdotes seculares. Não é possível dizer o fruto que fez em poucos anos. Pregou nas terras do Estado eclesiástico, na Marca Trevisana, na Provença, no Languedoc, no Limousin, em Velay, no ducado de Berry, na Sicília e particularmente em Roma e em Pádua, sendo quase infinito o número de conversões que fez em todos estes lugares. Na verdade, tampouco se havia visto desde o tempo dos apóstolos homem mais poderoso em obras e palavras.

Raro enfermo deixou de recobrar a saúde depois de ter recebido sua bênção; e pode-se assegurar sem arrojo que os milagres feitos por nosso santo, se não excedem, igualam os maiores que se haviam obrado até então, tanto em número como em qualidade.

Confessando-se um moço com o santo, acusou-se de que havia dado um pontapé em sua própria mãe. Afeou-lhe Antônio este delito com tanta eficácia e com tanta viveza que o pobre moço, aconselhando-se só com o horror que lhe causou seu atrevimento e com a dor de havê-lo cometido, retira-se exaltado a sua casa, entra em seu quarto e corta o pé. Noticioso o santo daquela indiscreta e pecaminosa penitência, parte apressado a buscá-lo, repreende-lhe sua indiscrição, pede o pé cortado, aplica-o à perna e fica de repente unido a ela à vista e com assombro de todos os circunstantes.

Achava-se em Pádua quando teve notícia de que seu pai, acusado falsamente de um homicídio em Lisboa, estava em perigo de ser sentenciado à morte. Pede licença ao superior para marchar a Portugal e num instante se acha em Lisboa milagrosamente. Visita os juízes, declara a inocência de seu pai; e, vendo que não davam fé a seu testemunho, requer-lhes que o corpo do defunto seja apresentado na sala da audiência. A novidade do caso havia trazido a ela toda a cidade; pergunta ao defunto e lhe manda em nome de nosso Senhor Jesus Cristo que declare em voz alta e perceptível se seu pai era autor do assassinato que se havia cometido em sua pessoa; levantou-se o cadáver e declarou publicamente a inocência do acusado; e, feita esta declaração, voltou outra vez a compor-se em seu féretro. A admiração e o pasmo que este sucesso causou nos assistentes é mais fácil de compreender-se que de explicar-se. Fez Antônio uma fervorosa prática a toda a sua família, exortando-a à virtude; e num momento viu-se restituído a seu convento de Pádua.

Talvez nunca teve a heresia inimigo mais formidável. Desarmou-a e confundiu-a. Pregou um dia em Toulouse sobre a realidade do corpo de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia; ouviu-o um famoso herege e confessou-lhe que suas razões não admitiam réplica, mas que, para crer, necessitava de um milagre. «Bem está, replicou-lhe o santo, escolhe o que quiseres.» «Pois o milagre que escolho, respondeu o herege, é que minha mula, estando bem faminta, deixe a palha e a cevada por prostrar-se diante de uma hóstia consagrada.» «Seja assim, repôs Antônio; faze jejuar tua mula o tempo que te parecer.» Deixou-a o herege três dias sem comer bocado e ao cabo deles toda a cidade foi testemunha do prodígio. Posta a hóstia consagrada diante do animal e uma cevadeira bem provida ao outro lado, apesar da furiosa fome que a incitava, dobrou os joelhos diante da sagrada hóstia, e até que se retirou não houve forma de provar o pasto que lhe apresentavam. Não pôde resistir a obstinação a tão portentoso milagre. Converteu-se o herege e a sua conversão seguiram-se outras muitas.

Subiu ao púlpito em certo povo marítimo cheio de hereges e de homens perdidos; ninguém concorreu a ouvi-lo; vai à beira do mar e, cheio de confiança no Senhor, grita aos peixes: «Pois não há quem queira ouvir a palavra de Deus, vós, que sois criaturas suas, vinde e com vosso rendimento confundi a indocilidade destes ímpios.» Prodígio estranho! Encheu-se a praia de peixes, que logo tiraram as cabeças em ademã de atentos; fez-lhes uma patética exortação sobre a onipotência do Senhor e despediu-os lançando-lhes sua bênção; milagre que obrou a conversão de todo o povo.

Tudo pregava em Santo Antônio: sua modéstia, sua humildade, sua mansidão, seus gratíssimos modos. Primeiro ganhava os corações e depois os convertia. Apoderou-se de Verona, de Pádua e de quase toda a Marca Trevisana o tirano Ezzelino; encheu a Itália de carnificina e de terror, zombando igualmente das forças dos príncipes confederados contra ele e das excomunhões dos sumos pontífices; só a Santo Antônio se humilhou. Pôs-lhe o santo diante dos olhos com tanto zelo e com tanta intrepidez o número e a enorme gravidade de seus pecados; afeou-lhe suas crueldades com tanta eficácia e energia que deteve o curso daquela precipitada torrente. Respeitou-o Ezzelino; lançou-se a seus pés e prometeu converter-se. Não o cumpriu, mas se conteve enquanto o santo viveu, embora depois de sua morte voltasse a suas primeiras desordens e tiranias.

Ao mesmo tempo em que Antônio trabalhava com tanto zelo e com tanto fruto na conversão dos pecadores, não se esquecia de atender às necessidades de sua ordem. Havia sido eleito por geral dela frei Elias, homem ostentoso e arrogante, de espírito muito contrário ao do santo patriarca. Começou a introduzir na seráfica família o relaxamento e a licença. Era Antônio provincial da Romanha e opôs-se valorosamente às novidades do geral. Recorreu ao papa Gregório IX, em cuja presença defendeu aquele admirável compêndio da santa regra que se chama o Testamento de São Francisco e conservou na religião o vigor e o espírito de pobreza e de austeridade que constitui seu verdadeiro caráter. Citado a Roma frei Elias, foi despojado de seu cargo; e, como nosso santo só se havia movido pelo zelo da maior glória de Deus, obteve licença de Sua Santidade para renunciar seu emprego, com privilégio de que nunca se lhe pudesse obrigar a tomar nenhum outro da ordem. Quis o papa detê-lo na corte para servir-se de seu conselho nos negócios da Igreja; mas Antônio, suspirando sempre pelo retiro, logrou com suas reverentes súplicas que lhe permitisse restituir-se a seu convento de Pádua, onde continuou nas funções de seu apostólico ministério e

trabalhou também algumas obras espirituais, que foram de muita utilidade a toda a Igreja de Deus.

Mal se pode compreender como um homem de somente trinta e seis anos, de muito delicada saúde, e esta sumamente quebrantada por suas excessivas penitências, pôde em tão pouco tempo conseguir tantos triunfos dos hereges; converter um sem-número de pecadores; ensinar e pregar nas mais célebres cidades com um séquito jamais ouvido; percorrer a Itália, a França, a Sicília e a Espanha com fruto tão universal e encher o mundo com a fama de seus feitos e portentosas maravilhas; efeitos prodigiosos do ardente amor que professava a Jesus Cristo. Poucas almas o amaram com maior ternura e poucas foram mais ternamente amadas do Salvador. Comunicou-lhe um elevado dom de contemplação; eram-lhe muito frequentes as revelações, os êxtases e as visões. Movido um dia de curiosidade o hóspede que o tinha em sua casa, quis espreitar o que fazia em seu quarto e viu-o de joelhos com o Menino Jesus nos braços, que o estava regalando com dulcíssimas carícias; e neste terno passo o representam os mais de seus retratos.

O que amava com tanta ternura ao Filho não podia menos de professar uma singularíssima devoção à Mãe; e tão precoce que parecia ter nascido com nosso Antônio; ao menos é certo que nele se antecipou ao uso da razão. Dilatava-se-lhe o coração quando falava desta Senhora, acreditando suas amantes expressões a ilimitada confiança que tinha colocada nela. Em seus sermões, em seus escritos e em suas conversações sempre se havia de fazer lugar à devoção com a Virgem; e em suas necessidades era o recurso mais regular a alguns dos hinos que canta a Igreja a esta soberana Rainha.

Tendo revelação de sua próxima morte, retirou-se a certa ermida que se chamava Camposampiero, distante uma légua de Pádua, para vagar só a Deus. Mas durou pouco este retiro; porque, conhecendo que já estava muito próxima sua derradeira hora, rogou aos frades que estavam em sua companhia que o levassem ao convento. Teve o povo notícia de que o traziam e concorreu tanta gente a recebê-lo que, temerosos os frades de que o sufocassem, meteram-no no hospício dos confessores do convento de Santa Clara, onde, recebidos todos os sacramentos com o fervor e com a devoção que acostumam os santos, pronunciando o hino «O gloriosa Domina», que lhe era tão familiar, entrou no gozo de seu Senhor no dia 13 de junho do ano 1231, aos trinta e seis de sua idade e aos dez de haver entrado na religião de São Francisco.

Logo que expirou, cobriu-se de luto toda a cidade, e os meninos corriam pelas ruas gritando: «O santo morreu.» Fizeram as monjas de Santa Clara tudo quanto puderam para ficar com o precioso tesouro de seu corpo; mas não o conseguiram dos religiosos de São Francisco. O enterro mais pareceu triunfo que pompa fúnebre. O prodigioso número de milagres que obrou em sua vida e o dos que se repetiram em seu glorioso sepulcro moveu o papa Gregório IX, que o havia tratado e conhecido, a mandar que se procedesse sem perder tempo às informações necessárias em ordem a sua canonização. Concluíram-se os processos no ano seguinte e expediu o papa a bula em Spoleto, a primeiro de junho de 1232; de maneira que a primeira festa que se celebrou de nosso santo (sem exemplar até então) foi pontualmente o primeiro dia aniversário de sua preciosa morte.

Trinta e dois anos depois dela fez levantar a devoção dos paduanos uma das mais suntuosas e mais magníficas igrejas que se admiram no universo, aonde foram trasladadas suas relíquias. Descobriu-se a caixa e achou-se toda a carne consumida; mas a língua, instrumento de tantas

conversões, tanto de hereges como de pecadores, tão fresca, tão rubicunda e tão formosa como se o corpo estivesse vivo. Tomou-a em suas mãos São Boaventura, geral então da ordem, que assistiu a esta trasladação; e, tendo-a nelas, exclamou dizendo: «Ó bem-aventurada língua, empregada sempre em louvar a Deus e em fazer que outros o louvassem, tua incorrupção mostra bem quão agradável lhe foste!» Venera-se até hoje esta admirável relíquia colocada num dos mais primorosos e mais ricos relicários que se conhecem em todo o orbe cristão. Todos sabem a geral devoção que professam os fiéis a este grande santo e o universal recurso a sua proteção em todas as necessidades; mas singularmente para achar as coisas perdidas. Ignora-se qual foi a verdadeira origem deste particular recurso; mas é verossímil que não fosse outra que haver-se experimentado tão geral sua proteção em todas as necessidades que acudia a ela a devota confiança. Num manuscrito muito antigo lê-se que um grande devoto de Santo Antônio, vizinho de Lisboa, perdeu um precioso anel, deixando-o cair por descuido num poço muito profundo; poucos dias depois caiu no mesmo poço o balde com que se tirava água dele; e, tendo-o extraído um criado, achou-se no fundo dele o perdido anel, à vista do qual começou o criado a gritar: «Milagre, milagre!»

Todas as maravilhas que cada dia está obrando Deus pelos méritos deste prodigioso santo compendiam-se no seguinte responsório, com que comumente invoca a devoção a Santo Antônio:

> *Cedunt mare, vincula; membra, resque perditas Petunt et accipiunt juvenes et cani. Pereunt pericula, cessat et necessitas; Narrent hi qui sentiunt, dicant Paduani.*

«Se buscas milagres, acharás que pela intercessão de Santo Antônio a morte se retira, o erro se desvanece, os trabalhos cessam, o demônio foge e a lepra se dissipa. Os enfermos levantam-se repentinamente sãos, o mar alvoroçado se sossega e rompem-se as prisões. Acodem a Antônio os jovens e os anciãos, tanto pelos membros como pelas demais coisas que perderam; recobram os primeiros e encontram as segundas. Numa palavra, desterra os perigos e afugenta a necessidade. Digam-no os paduanos e publiquem-no quantos o experimentaram.»

As relíquias de Santo Antônio distribuíram-se em diferentes lugares da cristandade. Em Pádua veneram-se a língua e a mandíbula inferior, que se expõem à pública adoração em dois preciosíssimos relicários; em Lisboa um osso de seus braços, que foi enviado ao rei Dom Sebastião no ano de 1570; e em Veneza a parte de um braço, colocada no suntuoso altar que a sereníssima República erigiu a Santo Antônio na igreja de Nossa Senhora da Salvação.

Martirológio Romano

Em Pádua, Santo Antônio, o Português, confessor, da ordem franciscana, ilustre por sua vida, milagres e pregações.

Em Roma, na via Ardeatina, a festa de Santa Felícula, virgem e mártir, a qual, não querendo nem casar-se com Flaco nem sacrificar aos ídolos, foi entregue a um juiz particular, o qual, achando-a sempre constante na confissão de Jesus Cristo, depois de tê-la tido num lôbrego cárcere, matando-a de fome, mandou atormentá-la no potro até o último alento; e dali a lançaram numa cloaca, de onde a tirou São Nicomedes e a enterrou no mesmo caminho.

Na África, os santos mártires Fortunato e Luciano.

Em Biblos, na Palestina, Santa Aquilina, virgem e mártir, que sob o imperador Diocleciano e o juiz Voluciano, sem ter mais que doze anos, foi pela fé esbofeteada, açoitada com varas e picada com sovelas em brasa; e, enfim, traspassada de uma estocada, consagrou sua virgindade com o martírio.

No Abruzzo citerior, São Peregrino, bispo e mártir, afogado no rio Aterno pelos lombardos em ódio da fé católica.

Em Córdoba, na Espanha, São Faustilas, sacerdote e monge, que na perseguição dos árabes padeceu o martírio de cortarem-lhe a cabeça.

Em Chipre, São Trifílio, bispo.

Em Sens, Santo Agrício, bispo.

Em Bron, perto de Ambronay, em Bresse, São Ramberto, morto atrozmente por uns sequazes de Ebroíno, mordomo de palácio no tempo do rei Teodorico.

Em Assis, São Vitorino, martirizado depois de muitos a quem havia convertido.

Na diocese de Girona, Santo Evido, venerado como mártir.

Em Bostra, na Arábia, Santo Antípatro, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Ecclesiam tuam, Deus, beati Antonii confessoris tui atque doctoris solemnitas votiva lætificet; ut spiritualibus semper muniatur auxiliis, et gaudiis perfrui mereatur æternis. Per Dominum nostrum...*

Português: Fazei, Deus meu, que a solene festividade de vosso confessor Antônio regozije toda a Igreja, para que, fortificada com os socorros espirituais, mereça desfrutar os gozos eternos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira que escreveu o apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. 11 Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, 12 et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : 13 blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. 14 Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: 9 Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. 10 Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. 11 Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, 12 e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: 13 somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. 14 Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Nota

«É constante que a divisão que se havia introduzido entre os fiéis da igreja de Corinto obrigou São Paulo a escrever-lhes esta primeira epístola para preveni-los contra as surpresas do amor-próprio e do espírito demasiadamente humano que os movia; este capítulo quarto dá uma ideia cabal dos verdadeiros ministros do Evangelho e faz ver as prendas pelas quais se lhes deve estimar.»

Reflexões

É a virtude cristã como certo gênero de espetáculo para o mundo, que não acerta a compreender como é dado que a virtude seja plausível; sê-lo para os anjos, que admiram nela a força da graça; e sê-lo também para os homens, que a reconhecem por única origem da verdadeira felicidade. Anda-se em busca de milagres, e talvez nenhum há nem mais estupendo, nem mais universal, nem que deva dar mais golpe, como tanto número de almas santas, de pessoas religiosas, que são o espetáculo de seu século. Não se repara tanto no milagre por ser mais frequente; mas não por ser mais frequente é menos milagre. Encerram-se muitos nos claustros, na vida retirada e nas virtudes escondidas de tantas virtuosas almas. Um jovem, único herdeiro de uma ilustre casa e opulentos morgadios, adornado de quantas nobres prendas se podem desejar, solicitado de todos os lisonjeiros atrativos do mundo, naquela idade que se considera a florida estação de todas as diversões; à entrada de uma carreira onde tudo o brinda, tudo o afaga, tudo lhe sorri, este jovem sacrifica suas riquezas, suas prendas, sua nobreza e até suas mesmas esperanças, pospondo por amor de Jesus Cristo todo o esplendor de que o mundo se alimenta a uma vida obscura, pobre, humilde e penitente. Pergunto: terão muita parte nesta maravilha nem a razão natural nem os sentidos?

Uma bizarra donzela na flor de sua idade, distinguida por seu nobre nascimento, mas muito mais por sua formosura, por sua discrição e por seu despejo; tão rica como entendida e talvez idolatrada de todo um povo, prefere generosamente um grosseiro véu, um rústico sargal em que se amortalha e enterra todo o fausto e aparato de joias e de galas que naturalmente idolatraria ela mesma. Bem sei que estes milagres da graça se costumam atribuir a caprichos do humor ou a diferenças do gênio; mas examinem-se mais de perto, descubram-se os motivos, considerem-se as consequências, compare-se tudo com nossa natural fraqueza e se fará patente o milagre mais claro que o meio-dia.

«Nós, diz o apóstolo São Paulo, nos fizemos insensatos por amor de Jesus Cristo.» O mesmo podem dizer a cada passo tantas pessoas verdadeiramente virtuosas que têm horror à prudência da carne e por isso mesmo estão reputadas no mundo por umas pobres simples. Mas que importa? Elas são as verdadeiramente sábias. É certo que sua sabedoria é muito superior às limitadas luzes da razão natural, não podem chegar a ela todos os alcances do entendimento humano; é uma sabedoria infalível, porque é a fé e é o mesmo Jesus Cristo quem a regula; olhe-se-a com reflexão e se descobrirá o milagre em todos os seus efeitos.

«Padecemos fome, sede e nudez, continua o Apóstolo; lançam-nos maldições e correspondemos com bênçãos; ultrajam-nos de palavra e fazemos oração pelos que nos ultrajam.» Chegou jamais a tanto a filosofia mais dissimulada, a mais ambiciosa nem a mais perfeita? Esses chamados sábios da Grécia souberam nunca obrar por motivo de pura e pura virtude? Aquela sua afetada tranquilidade, aquele desprezo das injúrias, não era efeito da mais fina vingança? O afetado e grosseiro menosprezo das comodidades da vida, não era fruto de um orgulho refinado? Falando com rigor, não há virtude maravilhosa fora da religião cristã; sua lei, suas máximas, seus dogmas, todos são prodígios, todas maravilhas. Somente os cegos não conhecem o milagre.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, o mesmo que o dia 12.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da pronta correspondência à graça

Primeiro ponto

Considera que não fala só da hora da morte nem do juízo particular o Salvador do mundo quando tantas vezes nos exorta no Evangelho a que abramos a porta logo que o Senhor chame a ela. Então inutilmente nos faríamos surdos; quando chamar naquela hora não tem remédio, é necessário partir; de nada serve nossa modorra nem nossa insensibilidade, porque nem a uma nem a outra se atende. Nem sempre vem o Senhor como severo juiz; durante a vida chama-nos muitas vezes como pai, como esposo e como amigo; chama-nos com suas inspirações, com seus piedosos impulsos ou movimentos, com sua graça; também fala, adverte e grita por meio de seus

ministros, já no púlpito, já no tribunal da penitência; fala à alma de mil modos nos livros espirituais, nos exemplos dos santos e até nos sucessos e reveses da vida. Mas onde mais ordinária e mais fortemente chama é na oração e na meditação das grandes, das terríveis verdades da religião. Considera de quanta importância é estar prontos a sua voz, abrir-lhe logo que chama, ouvi-lo desde que começa a falar. Ah, que preciosos, que críticos são estes momentos! Se te negas a ouvi-lo, cala; se não lhe abres logo, passa adiante. Aquela saudável inspiração, aquela voz de Deus era uma pura graça; pensava Deus em ti quando tu não pensavas nele; queria converter-te ao mesmo tempo em que eras inimigo seu, quando estavas mais afundado nas maiores desordens. Pondera bem quanto vale esta graça atual; desprezas-a? Resistes-lhe? Pois já a perdeste. Oh Deus, que perda! Perdida uma vez essa graça, com que indústria, com que meio se poderá recobrá-la? Não há condenado no inferno que não tenha logrado estes preciosos auxílios; mas nenhum há que se tenha aproveitado deles. Duvidar em matéria de fé é não crer; e deliberar em ponto de conversão é pôr-se em perigo de não converter-se jamais.

Segundo ponto

Considera que, se os santos não tivessem sido prontos àquelas primeiras solicitações da graça, às quais tinha Deus como ligados os grandes auxílios que os elevaram depois a tão eminente santidade, talvez não tivessem sido santos; e de certo não o seriam tanto. Arrisca-se muito quando se deixa apagar aquela luz sobrenatural que com tanta claridade nos descobre a vaidade do mundo; e quanto se aventura quando se fecham os ouvidos à voz interior que tão fortemente nos chama! Se Zaqueu não tivesse descido prontamente quando o chamou o Salvador, seria aquele dia de salvação para sua ditosa casa? Nota que o Salvador não lhe mandou descer de qualquer maneira, mas descer prontamente: *festinans descende;* e com efeito prontamente desceu: *festinans descendit.* A pouco que se tivesse descuidado, já o Salvador teria ido. Pois tão de passagem costuma vir a graça como o estava então o Salvador; em detendo-se um pouco, já não é tempo.

Aquele anjo que despertou São Pedro no cárcere não lhe disse puramente que se levantasse, mas que se levantasse com velocidade: *surge velociter.* Levantou-se o apóstolo sem demora e logo se viu livre das cadeias. Ah, Senhor, e a quantos haveis dito *festinans descende!* Desce dessas alturas perigosas aonde te elevou a altivez de teu orgulho; desce em espírito à consideração de teu mesmo nada e nela encontrarás remédios muito eficazes para curar muitas enfermidades da alma; mas em todo caso desce prontamente.

A quantos pecadores estais dizendo: *surge velociter;* levanta-te; mas levanta-te com velocidade se queres que eu faça em pedaços essas cadeias! Ouviram vossa voz; pensaram alguma vez em converter-se; mas dilataram a conversão para outro tempo e morreram desditosamente nos braços da impenitência. E que há que admirar? Digna-se Deus de chamar-nos e de convidar-nos; oferece-nos sua amizade concedendo-nos esta graça; e ainda não se rende o coração! Não lhe dá na vontade! Ainda delibera! Ó grande Deus, e quantos estão no inferno por haver apagado estas luzes sobrenaturais e por haver sufocado estes piedosos movimentos! Quando Cristo mandou a Lázaro que saísse da sepultura, nota o Evangelho que no instante se levantou o defunto, *et statim prodiit.* Tão necessário como isto é que a obediência seja pronta. Mas temos obedecido sempre com esta

docilidade? Porventura todas as vezes que nos chamou o Senhor lhe respondemos como Samuel: *Loquere, Domine, quia audit servus tuus:* falai, Senhor, que vosso servo ouve? Mil vezes disse o Salvador a vossa alma: *Aperi mihi, amica mea:* abre-me a porta, amiga minha; e não sei se sempre lhe temos respondido como a Esposa nos Cantares: *Vox dilecti mei pulsantis:* esta voz é a de meu amado que bate à porta; abramos-lhe sem detença.

Ah, Senhor, quantos motivos de dor e quantos de temor me está fazendo presentes a consciência! Quanto e quanto tenho de que arrepender-me! Tantos bons pensamentos sufocados! Tantas inspirações extintas! Não vos canseis, Senhor, de falar a vosso servo, que pronto estou a prestar-vos dócil ouvidos; pronto a abrir-vos a porta de meu coração sem tardança; mandai, Senhor, e sereis obedecido.

Jaculatórias

> *Loquere, Domine, quia audit servus tuus.* 1Sm 3.

Falai, Senhor, que vosso servo ouve.

> *Ecce ego, quia vocasti me.* 1Sm 3.

Aqui me tendes, Senhor, pois me chamastes.

Propósitos

1. É a graça uma luz sobrenatural que facilmente pode apagar-se; é um piedoso movimento da vontade, mas fugaz e passageiro; é uma saudável inspiração que ensina à alma o que deve fazer e ao mesmo tempo lhe comunica forças para executá-lo. Mas, se não se corresponde com fidelidade e sem dilação à graça, apaga-se esta preciosa luz, cessa este piedoso movimento e esta saudável inspiração converte-se em novo cargo. Pois traze hoje à memória, se é possível, todas as graças que recebeste no discurso de tua vida; tantas vezes como conheceste com a maior claridade o vazio, o nada, o falso brilho dos bens, dos deleites, das honras deste mundo; tantas fortes inspirações para que fabricasses uma fortuna mais sólida, trabalhando seriamente no importantíssimo negócio de tua salvação; tantos desejos, enfim, e até tantos projetos de converter-te, que todos se desvaneceram porque a nada te resolveste desde aquele mesmo ponto. Ea, não passe adiante tua infidelidade; estas mesmas reflexões que agora fazes são uma graça importantíssima, da qual depende talvez tua eterna salvação. Não te contentes só com a viva dor de haver sido até agora tão infiel; logra também o consolo de experimentar desde logo tua

presente fidelidade. Mil vezes tiveste pensamento e talvez também desejo de romper esse laço, de domar essa paixão, de não concorrer àquela casa, de não ver aquela pessoa, de reformar essa profanidade, de mostrar amor àquele inimigo, de perdoar aquela injúria, de não quebrantar aquela regra, de não deixar-te arrebatar da cólera, de não repreender com arrebatamento; numa palavra, pensaste e até quiseste mudar inteiramente de vida. Pois mãos à obra e não se passe o dia sem haver posto em prática esta resolução.

2. Não te contentes em dizer: «eu o quero»; tem o gosto de poder acrescentar: «assim o fiz». Tudo o que leste até aqui é uma prova segura de que agora tens em tua mão a graça; corresponde-lhe sem dilação e dá princípio a esta correspondência pela modéstia e pela atenção no ofício divino e em tuas orações; pela devoção na missa, pelo respeito no templo e em todos os atos de religião, dizendo a ti mesmo, sempre que der o relógio, aquelas devotas palavras de Davi: *Dixi, nunc cœpi: hæc mutatio dexteræ Excelsi.* Hoje o disse e hoje o executei pela graça do Altíssimo; neste dia comecei a viver cristamente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:13 by Admin